

Título: Experiência etnográfica de fronteira: exploração sexual infanto-juvenil no encontro de Argentina, Brasil e Paraguai¹.

Autora: Keila de Moraes²

Resumo: Cena 1: *“Ciudad de Leste/Paraguai, 12 de dezembro de 2007...Entro na cidade atravessando a Ponte da Amizade de Foz do Iguaçu. Horário: 18 horas. As pessoas nas ruas conversam e escutam músicas latinas de sucesso..é o fim de um dia de trabalho para o comércio local, em que pessoas vindas de várias regiões do Brasil e da Argentina, fazem as compras para o Natal que se aproxima, ou levam mercadorias para vender em outros lugares. Minha pesquisa está centrada em outro ponto da cidade ao qual sou levada pelo meu guia: as margens de um lago onde várias pessoas fazem caminhadas. Um lugar que lago difere do restante da cidade, com suas belíssimas casas, casarões e clubes noturnos. Mas outras formas se movimentam no contorno do lago. São meninos e meninas fazendo ponto, parados em alguns locais. Os meninos aparentam 17, 18 anos, as meninas não parecem ter mais de 10 anos. Roupas curtas, batom e rouge vermelho. Algumas descem com homens mais velhos para próximo das árvores e lá fazem o programa. Minha presença assusta estas meninas. O guia diz que nós dois parecemos assistentes sociais ou educadores. A aparente figura de proteção: assistência social, assusta as meninas”*. Cena 2: *Cascavel, Paraná, 13 de dezembro de 2007, 22:00 horas. Vou à rodoviária comprar a passagem para Foz do Iguaçu. Andava distraída pelas ruas conversando no celular com meu guia. Ao desligar, sou abordada por dois rapazes de bicicleta: “Passa o celular e a bolsa”, grita um menino. Em choque, vejo o rosto do menino que empunhava uma arma em minha cabeça e também se assustou: eu o conhecia e ele me conhecia. “É um assalto, passa tudo”, ele grita. Passo o que tenho e fico paralisada: era um dos meninos que moraram na Casa de Passagem em que eu atuara como profissional. A situação institucional dessas crianças me levava a realizar esta pesquisa.* (Trechos do Diário de Campo)

Palavras chave: Etnografia, subjetividade, exploração sexual, jovens.

A pesquisa etnográfica realizada em determinados lugares surpreende por sua riqueza e especificidade. Minha pesquisa tem como local a fronteira entre três países e a problemática analisada é a da exploração sexual de crianças e jovens. O risco enfrentado pelo pesquisador é sempre algo a ser pensado, mas é o mesmo risco que corre qualquer pessoa que transite por este local, ou por tantas cidades brasileiras em que as violências fazem parte do palco da vida. Como pesquisadora e psicóloga busco entender a trajetória destas crianças e jovens e o caminho escolhido é o da etnografia, pela proximidade a um campo tão desconhecido e tão conhecido da população, que no entanto fica na

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 1 a 4 de junho de 2008.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC

invisibilidade, pela dificuldade do enfrentamento do problema de ter crianças e jovens assujeitados a esta forma de vida, muitas vezes de trabalho escravo. Quando anuncio a algumas pessoas o tema de minha pesquisa, percebo um certo estranhamento por eu entrar num campo considerado “minado”; pelo perigo de olhar para uma cena em que circulam problemas políticos, sociais, econômicos, de aliciadores, de pessoas que não querem que esta temática seja percebida. Mas olhar para a vida sempre envolve riscos, prazeres e desprazeres. Principalmente na escolha de um método de pesquisa que nos aproxima tanto das pessoas e nos torna muitas vezes vulneráveis, mas que nos aponta possibilidades de olhar para os sujeitos da pesquisa de uma maneira tão singular.

Discorrer sobre os espaços em que circulam estas crianças e jovens, suas experiências, o visto, o dito e o não dito, são formas de conhecer a fronteira nas características que lhes são próprias. Utilizo a pesquisa etnográfica, como uma forma de aproximação do campo que me possibilite conhecer os sujeitos em seus lugares de convivência, procurando realizar uma dupla tarefa de compreensão de dois universos de significação, na busca de um olhar etnográfico que me distancie daquilo que parece familiar e me auxilie no processo de familiarização com o distante, exótico (Da Matta, 1997, Velho, 1978) e do entendimento do movimento dos sujeitos na tríplice fronteira Argentina, Brasil e Paraguai.

Roberto DaMatta(1987), quando discorre sobre o sentido do familiar e do exótico como complexo, diz que a postura do pesquisador quanto aquilo que lhe parece conhecido ou desconhecido pode contribuir na seleção de informações que julga importantes. Ressalto isto, porque o campo escolhido para a pesquisa é de certa forma familiar pelo trabalho desenvolvido em programas de atendimento a crianças e adolescentes, por outro lado, o lugar do qual falo e sobre o qual lanço agora meu olhar é outro, por ser outro o momento e pela posição diferente, como pesquisadora mestranda da UFSC e não mais psicóloga que desenvolve um trabalho de intervenção junto a esses jovens e crianças em situações de exploração sexual.

Já não atuo diretamente como psicóloga do programa Sentinela, mas tenho proximidade pelos estágios em que atuo como supervisora e professora numa faculdade no oeste do Paraná. Próxima também pelo interesse de conhecer os itinerários, histórias,

vivências, idas e vindas destes meninos e meninas que estavam nos abrigos, oriundos da prática do comércio sexual, vindos da fronteira.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira(2000) três etapas de apreensão dos fenômenos sociais, são comuns nas pesquisas mas pouco são questionadas: o olhar, o ouvir e o escrever. O olhar e o ouvir como o estar lá no campo, (*being there* Geertz, 1989) são processos importantes já que neste momento a proximidade com os sujeitos da pesquisa nos permite entrar em contato com nossos próprios conceitos e preconceitos e, caso os objetivos de pesquisa não estejam muito claros, pode favorecer erros de julgamento do pesquisador. O nosso esquema conceitual apreendido durante o processo de conhecimento, poderá previamente alterar o objeto de pesquisa pelo próprio modo de visualizá-lo (Oliveira, 2000). O escrever é um processo complexo, já que nele ocorre “uma interpretação do pesquisador, e ao enfatizar a natureza de interpretação do trabalho antropológico chama a atenção de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo” (Velho, 1978, p.42) Neste caminho, escrevo na primeira pessoa do singular por considerar também minhas vivências atravessadas neste olhar sobre o campo. Esta escolha aponta o que indica Oliveira (2000) em que esta forma de escrita posiciona o autor do lugar que fala e dá a possibilidade de mostrar as vozes de todos os “atores do cenário etnográfico”(p.30). O pesquisador chega ao campo com um horizonte teórico que o faz olhar através destes óculos, marcando o campo simbolicamente mesmo antes de entrar em contato com este. Se o pesquisador possuir ciência disto, a transcrição e interpretação dos dados será menos ingênua, o que não significa que o texto deva ser composto apenas da subjetividade do pesquisador, mas compreender o horizonte teórico do qual ele lê, ouve e escreve, a intersubjetividade de caráter epistêmico (Oliveira, 2000).

A exploração sexual comercial de crianças e jovens tem alguns modos de significação na sociedade que acabam permeando nosso olhar, antes mesmo do encontro com os sujeitos na pesquisa de campo.

Para a entrada a entrada no campo precisei recorrer á Policia Federal, avisando de minha inserção nesta tríplice fronteira como pesquisadora. Recebi algumas informações de rotas de exploração sexual e percorri (ainda percorro) estes lugares. Percebi no primeiro dia de entrada no campo que esta pesquisa não seria fácil. Mesmo com um guia auxiliando meu

caminho, vários problemas se apresentaram. O primeiro deles que anteriormente não imaginava que representasse problema era minha vestimenta. Senti no primeiro dia que a roupa que eu vestira não poderia causar uma impressão de assistência social ou similar. Isto afastava meninos e meninas, ou causava curiosidade. A roupa deveria ser mais esportiva, como se para uma caminhada no fim de tarde. Isto quando eu percorria o campo no fim de tarde, horário em que muitas estavam circulando pela região do lago, um dos locais de exploração sexual. As cenas que observei mostravam o descaso com que principalmente as meninas eram tratadas. Uma delas estava com a perna quebrada e não aparentava ter mais do que 12 anos. Vestia uma saia curta, o sutiã a mostra sob um top vermelho, boca e bochechas vermelhas. Um senhor combinava o programa enquanto outro ficava esperando com uma moto ligada para ser o próximo. Com a muleta, era amparada e levada atrás de uma pequena mata onde o programa ocorreria. Esta cena causou espanto até mesmo no meu guia que dizia estar acostumado com as piores situações na fronteira.

As dificuldades passam pelo medo de circular por um país estranho e ao mesmo tempo por ser fronteiro com muitos brasileiros, medo de ser abordada pela polícia destes países e não ser compreendida como pesquisadora, ou medo dos cafetões que circulam cuidando de suas mercadorias do sexo. A pesquisa ainda está em andamento e não houve nenhum perigo maior, como risco de vida. Mas ele existe, e sei que é o mesmo que passam as crianças e jovens investigados nesta pesquisa. É viver numa tensão, numa borda que pode representar a qualquer momento a privação de vida. Alguns questionam se o perigo me atrai. Na verdade me assusta, mas o caminho etnográfico apontou que para conhecer a situação de exploração sexual em que vivem meninos e meninas era necessário me aproximar das situações que vivenciam. Só assim compreenderia suas escolhas ou as prisões nas quais estavam postos e também as falhas nas ações de retirada destes jovens e crianças da rua.

Muitos são aliciados com a promessa de trabalho fácil e muito dinheiro, mas quando chegam nesta fronteira percebem que a realidade é outra. Precisam pagar com uma rotina árdua de trabalho muitas vezes em regime escravo para se alimentarem. Estes foram resultados de estudos da Organização Internacional do Trabalho, a OIT, que realiza investigações sob as formas de trabalho a que seres humanos são submetidos pelo mundo e buscam a promoção de projetos que possibilitem a melhoria na qualidade de vida dos

trabalhadores e garantia de seus direitos. Estes dados também são referidos na Pesquisa Nacional de Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial (PESTRAF) de 2002, ressaltando que há mais de 4 mil crianças e adolescentes em situação de exploração sexual comercial, na fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai.

Em depoimento, um ex-garoto de programa relata que foi levado para a rede de prostituição por promessas de uma vida melhor para ele e sua família. O acolhimento da cafetina, as roupas, o trânsito por hotéis de luxo, o andar de táxi eram atrativos para quem não tinha muitas vezes o que comer em casa. Porém nem tudo era tranquilo: @s garot@s de programa não poderiam em nenhuma hipótese pegar o telefone dos clientes. O contato sempre deveria ser feito via agencia. O táxi levava @s garot@s para os hotéis, e ficava esperando até final do programa. Após, a corrida de táxi era paga pelo cliente e uma parte do dinheiro era dado para o agenciador. As regras não poderiam ser infringidas, sob o risco de uma surra e expulsão da rede, ou até mesmo a morte.

A exploração sexual comercial de crianças e jovens provoca reações diversas, principalmente de repúdio, em grande parte das pessoas. A mídia, por sua vez, contribui para dar visibilidade a um problema social posto pela legislação no campo das violências, ou seja, a exploração é considerada um crime pela constituição brasileira de 1988. Apesar das formas de controle, pela Polícia Federal, de quem transita por estas fronteiras, a mídia expõe o quanto é possível transpor estas barreiras sem grandes dificuldades.(Gazeta do Paraná, 2007) A exploração sexual de crianças e adolescentes é prevista no art.227, inciso 4º, e dispõe que a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual (Carvalho, Henrique e Sprandel, Adriana,2004, p.15). Após a divulgação dos relatórios de rota de tráfico de crianças, adolescentes e mulheres em 2002 e de relatórios desenvolvidos pelo Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) e OIT, alguns projetos foram desenvolvidos e financiados por organismos internacionais e pelos governos brasileiro, argentino e paraguaio, com o intuito de diminuir o número de crianças e jovens nesta situação. Mas circulando pelas fronteiras como turista ou pesquisador/a, nota-se a continuidade dessas situações de abuso e exploração sexual, além do uso destas crianças e jovens para “passar” mercadorias, principalmente de Ciudad de Leste/Paraguai para Foz do Iguaçu/Brasil, e muitas vezes para outros lugares do Brasil. Esses sujeitos são conhecidos como “Laranjas”.

O interesse pela temática da exploração sexual comercial de crianças e jovens teve início com a minha inserção neste campo em 2001 como psicóloga do Programa Sentinela – programa de combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes no município de Camboriú/SC. Percebi no trabalho com as meninas e meninos o quanto era relativamente fácil aliciar e manter estes sujeitos em regime de escravidão, muitas vezes no comércio do sexo. Eram meninos e meninas, vindos do interior dos estados do Paraná e Santa Catarina em sua maior parte, e que viviam em condições financeiras muito precárias. Algumas atividades desenvolvidas pelos profissionais do Programa envolviam fazer visitas nas casas dos usuários do Sentinela (como eram chamados). Para chegar às casas precisávamos subir morros muito íngremes e estas muitas vezes eram barracos onde residiam, num pequeno espaço de um quarto e cozinha, 8, 11 pessoas. A situação em que se encontravam facilitava o aliciamento para a exploração sexual comercial, mesmo porque grande parte das histórias relatadas nos atendimentos psicológicos realizados com estas crianças e jovens tinha início com abusos sexuais no próprio lar, por parentes próximos e algumas vezes pelo próprio pai. Estes relatos também eram comuns entre meninos, que após o abuso eram facilmente aliciados para a exploração sexual e, muitas vezes incentivados pelas próprias mães, que exigiam que eles trouxessem comida para dentro de casa, para ajudar com a alimentação dos irmãos. Não interessava a muitos pais conhecer as atividades que seus filhos exerciam, desde que eles trouxessem dinheiro para casa.

Em maio de 2003 fui trabalhar no Programa Sentinela da região oeste do Paraná, primeiramente em quatro municípios chamados de Lindeiros³, ou seja, municípios que foram atingidos pela barragem do Lago de Itaipu e que recebem royalties⁴ como benefício pelas áreas alagadas. Nesta região encontrei várias situações que favoreciam a inserção e manutenção de meninas e meninos na prática da exploração sexual. As cidades tinham índices de desenvolvimento humano considerados dos mais baixos do Paraná e também ficavam a 5, 10, 15 km de distância da fronteira com o Paraguai, e próximos à fronteira com a Argentina. Nesta região pude perceber, por intermédio do trabalho desenvolvido

³ Os municípios pertencentes aos lindeiros são: Diamante D'Oeste, Entre Rios D'Oeste, Foz do Iguaçu, Guaria, Itaipulândia, Marechal Candido Rondon, Medianeira, Mercedes, Missal, Mundo Novo/MT, Pato Bragado, Santa Helena, Santa Terezinha, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu e Terra Roxa.

⁴ Dinheiro que os municípios e proprietários de terras que foram alagadas recebem como forma de ressarcimento da terra utilizada pela barragem de Itaipu.

como profissional do Sentinela e também participando de atividades com o Movimento dos Sem Terra, como era rápido o aliciamento de crianças e jovens para o comércio sexual. Em poucos minutos de conversa os aliciadores que circulavam por estas cidades, convenciam as meninas a entrarem no carro e prometiam trabalho no país vizinho. Os aliciadores diziam que havia pressa e necessidade imediata de contratação para trabalhar, assim muitas meninas e também meninos eram atraídos para as zonas ou boates de comércio sexual. Alguns sabiam de antemão qual era o trabalho, mas a necessidade do dinheiro, mesmo que relativamente pouco, às vezes cinco reais o programa, para eles era um dinheiro que permitia comprar alimentos.

Algumas mães incentivavam suas filhas a prosseguir na prostituição para subsidiar os custos da casa, mas quando questionadas sobre o ofício da filha ou filho diziam que não sabiam, até porque o favorecimento da prostituição na legislação é considerado crime. Esta era uma das grandes dificuldades para a retirada destes sujeitos da prostituição. O retorno financeiro, por menor que fosse, era fonte de renda na família. Principalmente numa região em que empregos são tão escassos. O acesso à terra para o agricultor é difícil e depende das condições climáticas para que a safra seja suficiente para movimentar o comércio. O comércio ilegal de produtos é outra atração para quem está na região de fronteira.

Em 1993 criou-se uma comissão parlamentar de inquérito para investigar o tráfico de crianças, adolescentes e mulheres para fins comerciais sexuais. No relatório gerado por esta CPI verificou-se que a cidade de Foz do Iguaçu é uma das cidades de fronteira em que mais escapam pessoas com estes fins. A OIT, já mencionada, também realizou um estudo em parceria com outras organizações governamentais e não governamentais para conhecer melhor a problemática. Em 2004 foi assinado um termo de compromisso entre os três países para erradicar a exploração sexual comercial infanto-juvenil, através de práticas que acabem com os fatores que propiciam este problema: ações permeadas pela construção de políticas públicas e também contra a miséria.

E é neste campo que se configura a temática de pesquisa. Uma fronteira de margens dissolvidas por pessoas vindas de todas as partes do Brasil, Argentina e Paraguai e que se constituem sujeitos com práticas muito próprias e marcadas pelo contexto geográfico e político local. A potência da fronteira é considerada como uma constituinte da identidade destes sujeitos.

A especificidade da região, conhecida internacionalmente pelo turismo, que tem nas Cataratas do Iguaçu uma das belezas naturais mais visitadas no Brasil e Argentina mas também conhecida pelo comércio ilegal de produtos contrabandeados do Paraguai para o Brasil, inclusive o narcotráfico, é um espaço analítico importante na pesquisa. O local da pesquisa configura-se como uma fronteira em que escapam sujeitos, mercadorias, identidades. Muitas nacionalidades sobrevivem nesta região: são libaneses, árabes, coreanos, chineses, brasiguaios⁵, gente de toda a parte que circula pela fronteira com suas mercadorias em busca de sustento. Algumas transgressões (trabalhos considerados ilegais pela lei) são tidas como naturais para quem mora na região e, esta prática se estende por gerações. Isto ocorre também no campo da prostituição. A trajetória da exploração sexual estende-se por gerações que vivem e sobrevivem deste comércio e possui características distintas nesta região, por seus aspectos históricos, sociais, econômicos e, principalmente, geográficos.

A história da região tem como marca a luta por terras. A Guerra do Paraguai de 1864 à 1870, que teve como opositores do Paraguai, a Argentina, o Brasil e o Uruguai, no que ficou conhecido como a Tríplice Aliança, foi um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento geográfico e econômico do Paraguai com as características atuais. Outro fator preponderante refere-se à construção da usina de Itaipu em 1971, após acordo entre Brasil e Paraguai. Em 1984 teve início o funcionamento da usina, sendo estabelecido um acordo entre Brasil, Paraguai e Argentina para o uso da energia gerada. Para a execução da obra, aproximadamente 30 mil pessoas deslocaram-se para a região, e após o término da construção da usina a maior parte destas pessoas continuou na região sem possibilidades de emprego estável, tendo que construir novas formas de sobrevivência. Algumas regiões próximas ao lago de Itaipu ficaram alagadas e alguns proprietários de terra receberam a indenização pela desapropriação de suas propriedades e foram para cidades maiores, como Foz do Iguaçu. Sem muita escolaridade e possibilidade de empregos registrados em carteira de trabalho, algumas pessoas que viviam da agricultura, começaram a viver do comércio ilegal de produtos e outras formas de exploração comercial. Em função das dificuldades em manter a subsistência muitos vivem do comércio ilegal, tanto na exploração sexual quanto

⁵ Como costumam chamar os brasileiros que moram ou trabalham no Paraguai .

no contrabando de mercadorias, bem como do tráfico de pessoas.(OIT, IPEC,2004, CPI do trafico de pessoas, 2002)

Nestes caminhos que percorri como psicóloga ficou a questão que movimentava grande parte de minhas atividades, mesmo após entrar para a docência no início de 2005 na cidade de Cascavel a aproximadamente 120 km de Foz do Iguaçu dentro do curso de Psicologia e me afastando desta prática profissional de forma mais direta. Como supervisora de estágio em instituições desenvolvi projetos em casas de passagem e casas abrigo na região com os alunos da graduação. Nestes locais éramos constantemente tomados por histórias de meninas e meninos que buscavam na fronteira fonte de sobrevivência e manutenção da vida. Eles, para nosso espanto, não desejavam ficar no abrigo. Preferiam circular pelas ruas da fronteira porque diziam que lá se sentiam mais protegidos e menos marcados pelo olhar das pessoas que não compreendiam suas trajetórias. Eram meninos e meninas que relatavam que seus pais também vendiam ou emprestavam (como gostavam de dizer) seus corpos para a prostituição e também para “carregar” mercadoria. Num dos trabalhos desenvolvidos pelos estagiários⁶ dentro de um abrigo foi solicitado que os jovens tirassem fotos daquilo que o abrigo representava para eles. A máquina fotográfica foi deixada por um dia com eles e as fotos surpreenderam assim como seus relatos. As meninas tiraram fotos e significaram aquele momento como a dor de serem deixadas a margem das condições de vida tidas como normais para algumas pessoas, ou da sociedade como costumavam dizer, diziam que o abrigo era pior por representar a morte de si mesmo como sujeito neste mundo. As fotos revelaram isto. Eram fotos tiradas da churrasqueira que de acordo com uma das meninas lembrava a morte ou como ela se sentia sobre sua família. Todos estavam mortos e a ela “restava” conseguir sobreviver no mesmo trajeto. Para ela o abrigo não representava solução porque dizia que os profissionais escolhidos para trabalhar com eles não estavam preparados para ver esta dor e por isto repetiam o que se dizia sobre sua família: que não valia nada, que todos sempre iriam rejeitá-los, que não tinham solução. Esta era uma mensagem transmitida pelas meninas e meninos dos abrigos quando eu circulava por este campo de quinze em quinze dias como supervisora e era compelida a parar para escutar estes sujeitos. A necessidade de falarem quando lhes era dada esta possibilidade era imensa. Que trabalho a Psicologia

⁶ Estagiários de Psicologia: Gisele Bernardi e Jackson Adami

poderia realizar neste campo era sempre uma dúvida constante suscitada pela dificuldade de lidar com as questões institucionais. Eram histórias de idas e vindas da fronteira no qual estes sujeitos retornavam para Cascavel na busca de uma história diferente. Sem possibilidades retornavam. De acordo com Hélio Silva e Cláudia Milito (1995) que realizaram uma pesquisa etnográfica com meninos de rua na cidade do Rio de Janeiro, os meninos e meninas soltos nas ruas “fazem supor haver liberdade e responsabilidade sobre seus destinos. Essa imagem, se por um lado os desobriga da rotina imposta aos meninos de classe média, por outro lado os vulnerabiliza” (p.165). Um dos meninos que moravam numa destas casas de passagem e que tive contato direto acompanhando sua trajetória nas idas e vindas da casa de familiares para o abrigo e que sofreu violência psicológica de técnicos da casa de passagem, acabou na rua no comércio do sexo e infelizmente me assaltou (cena 2) provavelmente para se alimentar. O menino depois do assalto sumiu da região, e segundo alguns conhecidos, por vergonha de ter sido reconhecido por mim no assalto.

Nesta minha trajetória profissional e agora como pesquisadora resiste o interesse de pesquisa de investigar como meninas e meninos significam estas práticas do comércio sexual em suas vidas. As dificuldades são muitas, mas o encontro etnográfico possibilita uma aproximação com o campo em que as histórias de vida se atualizam a cada momento. Nisto é que reside a riqueza do trabalho etnográfico. A possibilidade de aproximação daquilo que não é visto numa única entrevista. Sempre são fragmentos de histórias mas vistos sob outros ângulos e momentos.

Referências bibliográficas

CPI da Prostituição Infanto-Juvenil (relatório) (1993). Brasília, Câmara dos Deputados.SP.

DaMatta, Roberto.(1987) Relativizando.Uma introdução à antropologia social, Rio de Janeiro: Rocco.

Geertz, Clifford (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

IPEC, OIT. Programa de Prevenção e Eliminação da Exploração Sexual de Meninas, Meninos e adolescentes na fronteira do Paraguai –Brasil. Financiado pelo departamento de trabalho dos Estados Unidos, Cdrom, 2004.

Milito, Claudia; Silva, Helio. (1995) Vozes do meio-fio. Etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objeto da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Oliveira, Roberto Cardoso de (2000). O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP.

Jornal Gazeta do Paraná. Foz requisita a Força Nacional para combater a criminalidade na fronteira, 2007, p.3.

Sprandel, M. Mourão, A, Carvalho.IPEC, OIT.(2004) Programa de Prevenção e Eliminação da Exploração Sexual de Meninas, Meninos e adolescentes na fronteira do Paraguai –Brasil. Financiado pelo departamento de trabalho dos Estados Unidos, Cdrom.

Velho, Gilberto.(1978) Observando o familiar. In: NUNES, E.O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.